

# Mocidade Cristã

Ano XIV

Julho a Setembro de 1952

Número 56

## Controvérsia

No número 30 de nosso jornal, escrevemos algumas regras que devem ser observadas para que a controvérsia seja proveitosa. A controvérsia é bíblica e pode ser de muito proveito. O livro de Jó, por exemplo, está cheio de controvérsia sobre um assunto de grande importância, a saber, por que Deus deixa Seu povo sofrer, ou «por que nos vem a provação». A Epístola aos Romanos está baseada sobre argumentos lógicos.

Devemos distinguir entre controvérsia e contenda. A primeira deve ser motivada por um desejo de aprender ou defender a verdade. A segunda tem por fim o desejo de prevalecer sobre o contendor. A primeira pode facilmente degenerar na segunda, se os polemistas não mantiverem um espírito de graça e cortesia.

Daremos, a seguir, as regras que apareceram no número 30 acrescidas de mais duas: —

- (1) Se não tiver capacidade nem aptidão para controvérsia, evite-a.
- (2) Quando faltam argumentos, não abuse do caráter ou motivos das testemunhas nem do oponente na controvérsia. Isto é um costume indigno do crente.
- (3) Não use como argumento contra o oponente, qualquer cousa que ele conceda, como se não a tivesse admitido.
- (4) Não atribua ao oponente cousas que ele não disse, como se as tivesse dito.

(5) Não use argumentos contraditórios.

(6) Admita, sem reserva, o que for bom e verdadeiro nos argumentos do oponente.

(7) Não torça os argumentos do seu oponente, nem procure dar às suas palavras uma significação que ele não tencionava.

(8) Ataque os argumentos principais e não se ocupe com detalhes sem importância.

(9) Não faça afirmações que não pode provar. Se tiver dúvida numa afirmação, prefacie-a com as palavras «eu penso» ou «em minha opinião».

(10) Não atribua motivos ao oponente, porque é quase impossível prová-los. Por exemplo, em vez de dizer: «O Sr. falou assim para enganar a gente», convém dizer: «Sua afirmação enganaria (ou era capaz de enganar) a gente». A primeira forma é um insulto pessoal, e quase impossível de provar, e não chama atenção ao resultado (enganar a gente) mas, ao contrário, desvia o argumento para uma questão pessoal. Assim a controvérsia muda-se em contenda pessoal!

Quando achamos que uma pessoa repete o mesmo argumento que já foi rebatido, como se nada fosse dito no assunto, ficamos sabendo que pertence à classe mencionada na primeira regra. Quando nosso oponente transgride a regra número 2 ou a número 10, aconselhamos que é melhor terminar a discussão sem demora.

A regra número 2 é muito transgredida em processos jurídicos.

Quando um advogado não tem argumentos para convencer o juiz e o júri, é costume abusar do caráter das testemunhas afim de enfraquecer-lhes a evidência. Um cristão, porém, não deve descer a tanta baixeza. É triste ver tal procedimento em literatura cristã, ou em controvérsia entre irmãos na fé.

## Modernismo

(continuação)

Alguns críticos acham que há uma diferença entre a ética do Velho e do Novo Testamento e dizem que o Jeová do Velho Testamento não pode ser o mesmo Deus revelado no Novo Testamento por Cristo, como Deus de amor. Por esta razão inventaram a teoria que Jeová (ou Yava, eles o preferem) era um deus tribal, concebido pela imaginação dos israelitas, um deus vingativo, ciumento e cruel, que ajudava sómente aos israelitas e era inimigo das outras nações em redor. Para nós, que temos estudado o Velho Testamento e recebido tanta bênção e proveito na sua leitura, esta teoria é nauseante e sem base. A teoria, porém, é agora a doutrina dos modernistas e está se tornando popular. Vamos examinar a teoria.

Os leitores devem lembrar-se de que a palavra «Senhor» na versão de Almeida do Velho Testamento é quase sempre «Jeová» no original. A Versão Brasileira não traduziu a palavra e, por isso, tem sempre «Jeová».

O Salmo 23 começa «Jeová é o meu pastor, nada me faltará». Deveremos acreditar que Davi, o autor deste salmo sublime, cria num deus vingativo e cruel? E as profecias em Salmos 2, 22, 24 e 72? Como foi que um deus da imaginação israelita inventou as profecias, mil anos antes da vinda do Messias, do qual predisse?

Vamos pensar no Salmo 110. O primeiro versículo diz: «Jeová diz ao meu Senhor: senta-te à minha direita até que eu ponho os teus inimigos por escabelo dos teus pés». É o versículo que Cristo propôs aos fariseus e que eles não podiam responder. Davi chamou seu descendente «Senhor». Será que Cristo, a Quem se referem as palavras, não sabia que Jeová, que proferiu as palavras, era apenas um deus imaginário dos israelitas? Os pensamentos e palavras do Senhor devem ser nosso padrão. É blasfêmia dizer que Ele, o Filho de Deus, o Verbo divino, se enganara com respeito às Escrituras. A idéia dos modernistas quer dizer que Ele, vindo de Deus para ensinar os pensamentos de Seu Pai, não sómente ficou enganado, mas gastou Sua vida enganando os homens. Como pode Ele ser nosso Exemplo, nosso Guia, se Ele mesmo foi ignorante? Vamos examinar outras Escrituras.

Exodo 20:12 diz que Jeová, que deu os Dez Mandamentos, fez o céu e a terra, o mar e tudo que nêles há. Que obras grandes dum deus tribal!

Isaiás 40:12 diz (setecentos anos antes de Cristo) de Jeová: «Quem mediu com o seu punho as águas e tomou a medida dos céus aos palmos, e recolheu numa medida o pó da terra e pesou os montes e os outeiros em balanças? Quem guiou o Espírito de Jeová e que conselheiro o ensinou?» A resposta a esta pergunta é: certamente não foi obra dum deus tribal.

Israel era servo infiel de Jeová e no capítulo 42 de Isaiás, Ele apresentou o Servo Fiel—«Eis meu servo». O servo naturalmente deve representar seu amo, Jeová. Mas dizem os modernistas, este ser era vingativo e cruel. Portanto, quando diz «tenho posto sobre Ele (o servo) meu espírito» (v.1) seria um espírito vingativo

e cruel também. Mas vamos ler mais no capítulo (Is. 42:2,3,4). Diz Jeová do Seu Servo: «Não clamará, nem levantará, nem fará ouvir a sua voz na praça. Não quebrará a cana rachada nem apagará a torcida que fumega.» Sabemos que toda esta descrição foi cumprida em Cristo, o Servo Fiel de Deus.

Passamos para o capítulo 53, onde encontramos mais uma descrição do Servo Fiel. Neste capítulo há umas 50 profecias distintas acerca do Senhor Jesus. O capítulo de doze versículos fala da Sua humilhação (já cumprida) e da Sua exaltação (a ser cumprida). Como podia um deus tribal, fabricado pela imaginação dos israelitas, tão desviados, profetizar, com antecedência de setecentos anos, todos êstes acontecimentos extraordinários? Eis aqui o Servo Fiel sofrendo vicariamente o castigo que nós merecemos, desprezando, e sofrendo a dor, para ver o fruto do trabalho da Sua alma. Aqui Ele revela a compaixão e o amor de Jeová, não sómente para com os israelitas mas para com o mundo todo. Como pode alguém explicar estas profecias se Jeová era deus vingativo e cruel? Os modernistas querem explicá-las dizendo que se referem aos sofrimentos dos israelitas.

Examinemos agora o argumento dos modernistas que diz que o Deus revelado na pessoa de Jesus, não pode ser o Jeová que Josué imaginava e que o mandou exterminar as nações de Canaã. Josué é o mesmo nome que Jesus, a primeira é a forma hebraica para nossa palavra Jesus. Como foi que José e Maria foram mandados chamar o Menino pelo nome de um homem tão cruel? Não sómente isto, mas significa «Jeová o Salvador». Então foi o nome do Salvador do mundo, Emanuel, baseado

no nome dum deus tribal, vingativo, ciumento e cruel? Será possível?  
(a continuar)

## *Estudos sobre a Epístola aos Romanos*

S.S.  
(continuação)  
**(Ilustrações para explicar  
o capítulo 5)**

O Sr. X. deve muito dinheiro a um negociante na mesma cidade onde mora. Deve também o aluguel da casa onde reside, o qual não pode pagar. Espera ser processado e despejado do lar. Como odéia o seu credor! Não quer encontrar-se com êle de modo algum. Ouvindo que vai visitá-lo, o devedor lembra-se de um serviço distante e safa-se de casa. Um dia êle ouve que alguém pagara suas dívidas, mas isto não traz tranquilidade ao seu coração, porque não acredita na notícia.

Algum tempo depois, de repente, Sr. X. acha-se face a face com seu credor, que, sorrindo, oferece-lhe o recibo assinado por êle mesmo, provando que a conta foi paga. O credor explica que outra pessoa pagou o débito, e êle (o credor) está perfeitamente satisfeito. Que faz o devedor? Fica satisfeitíssimo, aliviado do grande peso e ansiedade. Quer agradecer à pessoa que pagou a conta em seu lugar. Agora perante a lei, não é mais um devedor. A sua permanência na casa está segura, por enquanto. Mas o futuro? Quanto a isto há incerteza. O Sr. X. tem receio, porque não tem recursos. Voltando à casa, êle examina o recibo e descobre, no mesmo envelope, um cheque de cem mil cruzeiros assinado pelo credor! Agora o futuro está seguro também. Regozija-se. A mulher, porém, não entende o assunto bem. Não comprehende como dois

pedaços de papel podem trazer tanta felicidade ao seu marido ou fazer qualquer diferença em suas dificuldades. Ainda tem dúvida acerca da casa e fica ansiosa, esperando ser despejada da casa com seus filhos a qualquer momento. Não tem paz. Há crentes assim apreensivos acerca do futuro. Eles não têm a paz de Deus dominando seus corações. E' falta de compreensão da Palavra de Deus, falta de confiança nas Suas promessas.

O capítulo cinco de Romanos trouxe paz aos corações de milhares, inclusive Lutero e João Wesley.

Mas, há também crentes verdadeiros, de fé vacilante e de pouco conhecimento da Palavra de Deus. Há alguns na Igreja Católica Romana, por exemplo, que embora confiando realmente no Salvador, não gozam da paz de Deus no coração.

O autor destas linhas um dia embarcou no trem para uma estação chamada Morro Alto. Uma mulher, evidentemente não acostumada a viajar, andava na plataforma da estação, perguntando a um e outro se o trem ia a Morro Alto. Depois chegou no carro onde estávamos, fazendo a mesma pergunta. Asseguramos à velha que nós todos íamos para lá. Embora um pouco desconfiada, entrou no trem. Mas durante toda a viagem ficou desassossegada! Em toda estação, onde paramos, ela punha a cabeça na janela e perguntava se íamos a Morro Alto. Nós, os outros passageiros, aproveitamos a viagem, lendo jornais ou livros, porque estávamos confiantes quanto ao nosso destino. Por fim, chegamos à cidade de Morro Alto. A mulher reconheceu as casas e ficou mais animada. Mas, infelizmente, nosso trem tinha costume de passar pela estação rapidamente e parar bem além, e depois recuar para encostar-se em outra plataforma. Coitada! a pobre mu-

lher quase desmaiou, quando o trem não parou! Sorrimos, vendo o espanto na fisionomia dela, mas lhe asseguramos que ainda voltaríamos. Quem chegou primeiro a Morro Alto, nós ou ela? Chegamos juntos. Quem esteve mais seguro no trem, nós ou ela? Todos igualmente. Todos confiavam no mesmo trem e no mesmo maquinista. Mas quem gozou mais durante a viagem, aproveitando-a melhor? Não foi ela. Por que? Falta de fé.

## *Sobre Asas de Águias*

(Exodo 19:4)

Este singular artigo, escrito por P. Ruskin no «Auckland Weekly News», descreve como judeus, que viviam em condições primitivas, foram levados «sobre asas de águias» à Terra da Promissão.

Alto nos céus girava o grande pássaro branco (avião) e, com cada imensa volta das suas asas, aproximava-se mais e mais da terra. A chusma de Beduinos sujos e esfarrapados, observava com interesse, enquanto as asas do pássaro brilhavam aos raios solares — ora prateadas, ora brancas — e tão imenso era que a sua sombra era muito maior do que qualquer pássaro que haviam jamais visto. O barulho era estonteador. O ruído esmagava o silêncio do deserto e punha-lhes os corações a palpitar agitadamente nos peitos.

Do pássaro prateado, agora deitado silenciosamente sobre o seu leito dourado de areia, saiu um homem branco. Dirigiu-se ao povo na língua hebraica e o compreenderam. Enquanto o escutavam, os seus olhos ficaram bem abertos com admiração, porque êste era o primeiro homem branco que os judeus de Beihan haviam visto.

Disse-lhes que viera para levá-los à Terra da promissão.

Era a nova por que haviam esperado por séculos. Este povo primitivo era versado na velha Lei judaica e nas profecias. E sabia que, vindo o Messias, os judeus voltariam à Terra da Promissão. A profecia dizia: «Vos levei sobre asas de águias e vos trouxe a Mim».

Crivaram o piloto de perguntas. Era êle o Rei? Não, era apenas um mensageiro. Reinava o Rei Davi em Israel? Não, Israel não tinha rei, mas tinha Presidente, um grande guia chamado Chaim Weizmann. Não obstante, disse êle, havia sido enviado para levá-los à Terra de seus Pais.

Há tempos o Govêrno de Israel estava preocupado com a existência de grande número de judeus em condições de pobreza lastimável, em servidão, no Yemen, um distrito da Arábia. Este povo que vivia como árabes, pertencia à tribo mais antiga dos judeus; havia sido perseguido cruelmente pelos árabes durante séculos. O Govêrno de Israel sentiu que o futuro dêste pequeno grupo de judeus, se ficasse nas terras ocupadas pelos árabes hostis aos israelitas, seria pelo menos precário. Com diplomacia conseguiram que o Firman de Yemen permitisse aos judeus yemenitas voltar à Terra de Israel, sob a condição de pagarem «per capita» uma taxa pesada. Vemos a história antiga repetir-se. «Deixa ir o meu povo», disse o representante de Israel e, depois de terem encontrado muitos impedimentos, saíram. Era êste o sinal para aquilo que chegou a ser conhecido mundialmente como «Operação do Tapete Mágico»: a estupenda migração de 35.000 judeus yemenitas, por via aérea de Aden à cidade de Lida.

Chegando os primeiros boatos dêste plano aos ouvidos dos pobres yemenitas, não esperaram por mais nada; ini-

ciaram uma peregrinação através do deserto até alcançarem o Protetorado britânico de Aden. Muitos foram assassinados pelos salteadores árabes, muitos morreram de fome e de sede. Alguns foram espancados e roubados, milhares chegaram exaustos e doentes. Os governos inglês e israelita encaminharam, apressadamente, enfermeiras, médicos e medicamentos ao campo dos refugiados, em trânsito, em Aden.

Aviões «Skymasters» e «Dakotas» transportando até 1.000 pessoas por dia, voavam dali a Israel. A operação do «Tapete Mágico» estava aproximando-se do fim. Quase todos tinham sido transportados, quando se ouviu a notícia da existência de uma pequena tribo de judeus em Beihan, apenas a 320 quilômetros distantes de Aden, a uns quatro dias de viagem de Sana, capital de Yemen.

Apenas 90 judeus moravam em Beihan, o qual faz parte do Protetorado britânico. Eram pessoas profundamente religiosas e viviam em paz com seus vizinhos árabes. Quando o procuraram em Aden, o Xerife de Beihan não estava disposto a permitir a saída dos judeus, porque êle e os seus ascendentes viveram rigorosamente segundo o Alcorão (bíblia dos maometanos), que ensinava que o maometano devia ser «o protetor do judeu». Os oficiais judaicos explicaram ao Xerife que a Torah (o livro da antiga lei judaica) previa essa volta para a Terra da Promissão. Diante disso consentiu. Descobriram, porém, que a terra de Beihan estava completamente desprovista de civilização. É um lugar montanhoso, sem estradas feitas. Não existia tão pouco campo de aviação perto de Beihan. Decidiu-se tentar chegar ali com um avião britânico, um Dakota de dois motores. O Xerife concordou em mandar marcar um terreno

plano que podia servir de campo de aterrissagem improvisado. E assim foi; o pássaro prateado veio a Beihan para levar os judeus à Terra da Promissão.

O piloto estava admirado ao descobrir uma comunidade de judeus, nem mais branca, nem mais limpa, nem mais civilizada que seus vizinhos beduinos, porém comunidade que falava o antigo hebraico, como foi falado há 1.900 anos, no tempo da destruição do Templo. Ele observou que viviam estritamente segundo a Lei judaica de há 2.000 anos, sem qualquer interpretação moderna para diminuir a sua severidade. Nunca haviam ouvido das duas guerras mundiais. Há pouca dúvida que sejam os únicos judeus no mundo que jamais ouviram o nome de Hitler. Estes noventa judeus eram separados, não apenas do resto do mundo, mas também dos seus compatriotas do Yemen. Trabalharam pacificamente por gerações como fandeiros, fabricantes de tapetes e prateiros. Viviam pacatamente e mantinham horas determinadas para oração e estudo da Lei judaica; e oraram, já se vê, pelo dia quando havia de vir a «Águia» que os levaria à «Terra da Promissão».

Agarrando nas mãos os seus preciosos e antigos livros e incrivelmente antigos rolos de pergaminho, os judeus de Beihan se despediram do Xerife e dos seus vizinhos. Que despedida notável! Quantas lágrimas foram derramadas por judeus e árabes em amor mútuo, respeito e tristeza! Então, sem mostrar sinal algum de receio, entraram pela porta do avião. Eram necessárias três viagens para transportar todos. O rando e dando graças a Deus, o pequeno grupo se preparou para a vida em Israel sob o domínio do Messias. Doreavante o Céu, aqui na terra, havia de ser a sorte dêles. Ai, que

tristeza havia de ser a realidade! A experiência dêles ao pisar terras de Israel, foi talvez um pouco menos desagradável do que a dos 35.000 que para ali foram no «Tapete Mágico». Será este, afinal, o Céu na Terra?

Fincaram agulhas nos seus braços e, por três ou quatro dias, sentiram-se bastante doentes. Eram ignorantes e assustados demais para compreenderem tôdas as explicações dos médicos e enfermeiras que os inoculavam e vacinaram. Seria um sinal dos tempos messiânicos, quando pela primeira vez nas suas vidas, foram imersos em água quente e esfregados com sabão? Que indignidade! Gremaram, choraram, e protestaram, declarando que tal tratamento havia de matá-los. As suas roupas esfarrapadas foram queimadas e descobriram que haviam de se acostumar com roupas à moda européia que lhes foram dadas. Foram desinfetados e borrificados com D.D.T. As suas feridas foram lavadas e desinfetadas e foram vacinados contra tétano. Ainda não haviam chegado ao pior. Descobriram, com grande espanto, que nesta Terra Santa de Israel haviam de trabalhar, e não apenas por uma ou duas horas, mas por sete ou oito horas por dia. As mulheres também, que eram tôdas analfabetas, foram obrigadas a assistir às escolas, juntamente com seus filhos, para aprender a ler e escrever o hebraico moderno. Acostumadas à vida primitiva, repentinamente foram obrigadas a aprender a cozinhar por métodos modernos. De tôdas as tarefas que cabiam aos oficiais incumbidos de ensinar a este povo, a que deu mais trabalho foi a de fazê-los compreender o sistema sanitário moderno.

Que mundo assustador é este, em que o simples tocar de um botão, enche um quarto de luz! Estranhas

e barulhentas máquinas correm pelas ruas, e quadros mágicos andam e falam. E tudo isso vai sem parar!

Os judeus de Beihan e Yemen, também educados a observar estritamente a Lei de Moisés, acharam uma coisa mais estranha do que as demais, que na Terra dos judeus a Lei judaica não está estritamente observada; barbeiam-se no Sábado, viajam de automóveis, usam dinheiro, escrevem cartas e fumam. Por que foi que o Messias permitiu isso? Esta foi a grande desilusão dêles.

Dentro de uma ou duas horas êste povo tinha feito uma viagem que os adiantou muitos séculos na história. Havia de ser absortos no estado moderno, tão depressa e tão facilmente quanto possível. Eram todos pobres, na sua grande maioria mal nutridos e doentes. Não tinham a menor idéia das responsabilidades de cidadão; por isso não podiam compreender por que todos em Israel precisavam trabalhar.

De algum modo precisam ser persuadidos e treinados a trabalhar durante uma semana de seis dias de oito horas, recebendo o ordenado fixo pelo governo. Qualquer coisa menos do que isto importaria em estabelecer uma classe inferior, uma coisa que Israel não admite. Porém, apesar de tudo, Israel dá as boas vindas a êstes seus infelizes irmãos que têm mantido a sua fé e o seu zélo religioso intacto por séculos.

## A Peregrina

(Para moças sómente)

Havia já coisa de oito dias que os peregrinos se haviam hospedado no Palácio Belo, quando D. Misericórdia foi objeto de vivas atenções por parte dum indivíduo que começou a frequentar o palácio. Este, que se cha-

mava Gentil, mostrava ter tido uma regular educação e parecia ser piedoso, amigo da religião, mas estava muito agarrado ao mundo.

Possuía D. Misericórdia muitos atrativos; era dum rosto formoso e agradável, e muito trabalhadeira. Quando não tinha nada que fazer para si, ocupava-se em fazer meia e roupa para os pobres. Gentil, que a via sempre a trabalhar e não sabia o destino que ela dava ao que fazia, enamorou-se dela e pediu-a em casamento, dizendo de si para si: «Aposto que há de ser uma boa dona de casa: vou fazer um bom negócio».

D. Mesericórdia manifestou às senhoras da casa o que se passava, e pediu-lhes informações sobre o seu pretendente, porque sabia que o haviam de conhecer melhor do que ela.

— É um moço aproveitável — disseram, — trabalhador e que faz profissão de religioso, mas tememos que seja estranho ao poder regenerador do Evangelho.

— Nesse caso, afirmou D. Misericórdia, acabou-se. Estou no firme propósito de não me casar com marido que possa estorvar-me de seguir no caminho que aprendi.

D. Prudência então disse-lhe que, segundo lhe parecia, não era preciso muito para o despedir; bastava ela continuar como até ali a trabalhar para os pobres, que êle arrefeceria no seu zêlo.

E assim foi. Quando novamente a encontrou entregue a sua faina habitual, fazendo roupa para os pobres, disse-lhe Gentil:

— Como, então, sempre a trabalhar ?!

— É verdade, respondeu D. Misericórdia; se não é para mim, é para os outros.

— E quanto ganha por dia?

— Faço isto, retorquiu ela, «para que seja rica em boas obras e para amontoar um tesouro, como um fundamento sólido para o futuro, a fim de alcançar a verdadeira vida» (1 Tim. 6:18,19).

— Então para que serve o seu trabalho? — perguntou o moço.

— Para vestir os nús, respondeu ela.

Tanto o desconcertou a resposta que se absteve de voltar ao palácio e quando lhe perguntavam por que, respondia que a moça era, na verdade, bela, mas tinha idéias caprichosas.

— Não te disse eu, exclamou D. Prudêncio, que Gentil depressa mudaria de idéias? E talvez que te calunie, porque, apesar da profissão que faz de religioso, tu e ele sois de índoles inteiramente incompatíveis.

João Bunyan

## Perguntas e Respostas

**Pergunta 1.** Pode um jovem solteiro celebrar a Ceia do Senhor, sendo ele de bom testemunho na igreja?

**Resposta.** Entendemos pela palavra «celebrar» que o correspondente quer dizer «dar graças pelos símbolos».

Em geral é melhor que um dos irmãos de mais idade e inteligência dirija a bênção, mas não há regra nas Escrituras. É bom ouvir a voz dum irmão mais novo de vez em quando, se tiver suficiente inteligência espiritual.

O Novo Testamento não indica quem deve «abençoar» os elementos. A idéia que deve ser uma pessoa «ordenada» para o serviço não tem base na Bíblia. Ao contrário, esta regra humana tem sido um dos maiores

abusos na igreja de Deus, impedindo milhões de crentes de obedecer o desejo do Senhor na celebração da Santa Ceia. O Senhor Jesus diria: «Assim invalidastes, pela vossa tradição, o mandamento de Deus».

O costume entre os protestantes é uma herança da Igreja Católica Romana, sendo um desenvolvimento dum desvio no segundo século. Os anciãos elegeram um dêles para ser «presidente da igreja», e em pouco tempo depois, sómente este indivíduo podia presidir. Devemos aprender lições pelas falhas e faltas dos irmãos passados, igualmente por seus bons exemplos. Não convém fazer uma regra que não tem base na Bíblia.

**Pergunta 2.** Acérca da nova tradução na «revisão autorizada» do Novo Testamento, em 1 João 3:2, das palavras «quando ele se manifestar» para «se ele se manifestar». Alguns irmãos julgam que a palavra mudada. — «se» — introduz uma dúvida acérca da manifestação.

**Resposta.** A palavra «se» é uma tradução mais literal e não é um erro, nem introduz qualquer dúvida no versículo. É usada como argumento, mesmo como em Colossenses 3:1, onde é uma questão de causa e consequência. Embora, às vezes, «se» introduz uma dúvida, não é o caso em Colossenses 3:1, nem aqui em 1. João 3:2. A velha tradução também servia bem. A última frase «porque como é, o veremos» mostra que não há qualquer dúvida mas uma esperança certa.

## EXPEDIENTE

«MOCIDADE CRISTÃ» é uma publicação ocasional para promover os interesses dos grupos da mocidade cristã evangélica. Não tem assinantes, pois é mandada gratuitamente aos nossos correspondentes. As despesas da impressão serão feitas por donativos voluntários.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao Sr. W. Anglin, Caixa 35, CARANGOLA, Minas, Brasil.

Casa Editora Evangélica, Teresópolis, E. do Rio  
Editor responsável José Ferreira de Andrade